

# FHC tenta pôr ordem na casa

ALÉM DA CHANTAGEM DO SENADO, O PRESIDENTE TEM QUE ADMINISTRAR INSATISFAÇÃO DE ALIADOS E BATE-BOCA ENTRE MINISTROS.

06 JAN 1995

Apenas cinco dias após sua posse, o presidente Fernando Henrique Cardoso enfrenta uma série de dores de cabeça. O que está causando maiores aborrecimentos é a resistência do Senado em aprovar a indicação do economista Pêrsio Arida para a presidência do BC. Por trás da manobra de bloquear as sessões, está a defesa corporativista do presidente da Casa, Humberto Lucena, que teve seu mandato cassado pelo STF. Os senadores querem que a Câmara aprove a anistia de Lucena, e o governo já sinalizou que não vetaria a decisão (leia pág. 5).

Os partidos que compuseram a chapa que levou FHC ao poder, o PFL e o PTB, mais o PMDB, que decidiu apoiar o governo, divergem sobre a amplitude das reformas constitucionais e pressionam por cargos. Até mesmo os pequenos, como PP e PL, se rebelam para tirar sua casquinha. Na Câmara e no Senado, as candidaturas governistas às presidências daquelas Casas — do deputado Luis Eduardo (PFL) e do senador Pedro Simon (PMDB) — enfrentam sérias resistências. Para completar, os aliados acusam o governo de não ter tido competência para indicar um interlocutor junto ao Legislativo, o que poderia diminuir as tensões.

Presidente vai tentar unificar discurso dos ministros e partidos aliados

Já a Esplanada dos Ministérios mais parece uma Torre de Babel. Apesar da determinação de FHC para que os ministros mantivessem um discurso homogêneo, Adib Jatene, da Saúde, símbolo da imagem de competência que o presidente queria criar, divergiu publicamente de Bresser Pereira, da Administração Federal, por causa do fim da estabilidade do funcionalismo público. Pior: deu a entender que Bresser, encarrega-

do de reorganizar o serviço público, só entende da iniciativa privada. Paulo Renato Souza, da Educação, não deixou por menos: afirmou que é contra a desestatização das universidades federais, tese defendida por Bresser. Finalmente, o próprio presidente teve que intervir para pôr panos quentes num desastrado dis-

curso do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, que acabou irritando o senador eleito, Antônio Carlos Magalhães, aliado de primeira hora de Fernando Henrique, e o empresário Roberto Marinho. Hoje e amanhã haverá a primeira reunião ministerial. O presidente deve repreender os ministros que têm exagerado nas declarações e reforçar, pela última vez, qual é o discurso do governo. Resta saber se a tática vai funcionar e, principalmente, qual discurso vai prevalecer.